



EXAME DE SELEÇÃO – TURMAS 2024/2 - MESTRADO E DOUTORADO

PROVA ESCRITA

Código do (a) Candidato (a): _____ DATA: ____/____/____.

Instruções:

A prova tem duração de 4 (quatro) horas, sendo os primeiros 30 minutos reservados para consulta. As anotações do período de consulta são apenas para organização do raciocínio, não sendo permitida a utilização das mesmas durante o restante do tempo.

A folha de almaço carimbada e rubricada deve ser utilizada apenas para o registro das respostas definitivas, pois será fornecido outro papel para rascunho.

O código do candidato (jamais o nome) constará da lista de presença e deverá ser registrado em todas as folhas, inclusive nas utilizadas para rascunho das respostas. Tudo deve ser entregue ao final da prova.

Dentre as quatro questões abaixo, escolha apenas duas para responder:

Cada questão valerá 5,0 (cinco) pontos.

Questão 1

Ao discorrer sobre a busca dos sentidos do texto, Jonathan Culler em seu “Linguagem, sentido e interpretação” faz a seguinte afirmação sobre o papel do contexto:

“... poderíamos dizer que o sentido é determinado pelo contexto, já que o contexto inclui regras de linguagem, a situação de autor e do leitor e qualquer outra coisa que poderia ser concebivelmente relevante. Mas, se dizemos que o sentido está preso ao contexto, então devemos acrescentar que o contexto é ilimitado: não se pode determinar de antemão o que poderia contar como relevante, que a ampliação do contexto poderia conseguir alterar o que consideramos como o sentido de um texto. [...]. O sentido está preso ao contexto, mas o contexto é ilimitado, sempre aberto a mutações sob a pressão de discussões teóricas”.

CULLER, Jonathan. Linguagem, Sentido e Interpretação.

In: CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999. p. 70.

Considere agora o trecho abaixo da obra *O Ateneu*, de Raul Pompéia.

“Adianta-te, Franco”, mandou Aristarco.

Com a insensibilidade pétrea que o encorajava para as humilhações, saiu Franco do lugar e de cabeça baixa, como um cão, foi parar no centro da sala. Ali esteve por alguns segundos, exposto, no meio do enorme quadrado de alunos. Os olhares caíram-lhe em cima, como os projéteis de um fuzilamento. [...]



EXAME DE SELEÇÃO – TURMAS 2024/2 - MESTRADO E DOUTORADO

PROVA ESCRITA

Aristarco marcou apenas dez páginas de castigo escrito à noite, e passar de joelhos as horas de recreio, a começar da presente.

Formulado o veredicto, Franco caiu de rótulas no soalho com estampido, como se repentinamente se lhe houvesse estalado às pernas uma mola.

“Aí não! Aqui, tratante!” gritou o diretor, indicando a porta do salão. [...]

De joelhos neste ponto, Franco, ao pelourinho: diante das chufas dos maus e da alegria livre de todos. Como esta porta era caminho dos rapazes até as bandejas onde se elevavam as pilhas sedutoras da merenda, ficava ainda o condenado com um reforzozinho de pena. Passando por ele, os mais enfurecidos deram empurrões, beliscaram-lhe os braços, injuriaram-no. Franco respondia a meia voz, por uma palavrinha porca, repetida rapidamente, e cuspiam-lhes, sujando a todos com arremessos dos únicos recursos da sua posição. Até que um grande, mais estouvado, fê-lo cair contra o portal, ferindo a cabeça. A este, Franco não respondeu; pôs-se a chorar.

POMPÉIA, Raul. *O ateneu*. São Paulo, Ática, 1996, p. 59.

Com base em *O Ateneu* de Pompéia, discorra sobre as reflexões de Jonathan Culler sobre o papel do contexto na determinação dos sentidos de um texto. Use trechos de *O Ateneu*, ou do excerto apontado acima, para fundamentar a sua resposta.

Questão 2

Para responder à essa questão, leia abaixo o fragmento de “O que é literatura”, de Terry Eagleton:

“Os formalistas, portanto, consideravam a linguagem literária como um conjunto de desvios da norma, uma espécie de violência linguística: a literatura é uma forma ‘especial’ de linguagem, em contraste com a linguagem ‘comum’, que usamos habitualmente. Mas para identificar um desvio é necessário que se possa identificar a norma da qual se afasta. [...] O que alguns consideram norma, para outros poderá significar desvio”.

EAGLETON, Terry. *O que é literatura*. In: EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 7.

Considere agora o fragmento abaixo da obra *Eles não usam black-tie*, de Guarnieri:

MARIA (sorrindo) - Tu gosta de eu?

TIÃO - Ó dengosa, eu sem tu não era nada...

MARIA - Bobagem, namoradô como tu era...



EXAME DE SELEÇÃO – TURMAS 2024/2 - MESTRADO E DOUTORADO

PROVA ESCRITA

TIÃO - Tudo passou!

MARIA - Pensa que eu não sei? Todas elas miando: "Tiãozinho pra cá, Tiãozinho pra lá..." (Abraçando-o.) Mas eu roubei 'ocê pra mim!

TIÃO - Todo eu!

MARIA (fazendo bico) - Fingido!

TIÃO - Palavra, dengosa!

MARIA - Sei tudo tintim por tintim. Quando 'ocê morava na cidade era o garoto mais sapeca do Flamengo. Namorava uma filhinha-do-papai que era vizinha dos seus padrinhos e por causa dela levou uma bronca deles. Viu como sei tudo?...

TIÃO - Muito bem, o que mais?

MARIA - Sei muito mais. Tu era um grande mentiroso. Dizia pra menininha que era estudante, contava uma porção de vantagem, até que um dia ela ia te pegando servindo de babá. Aí, quando tu viu ela, quis escondê o carrinho da criança atrás do murinho da praia. O garoto caiu, machucou a cabeça e tu levou uma bruta surra de teus padrinhos, e a menina não quis mais nada com você!

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5012806/mod_resource/content/2/ELES%20N%C3%83O%20USAM%20BLACK-TIE%20-%20GUARNIERI.pdf. Acesso em 16/04/2024.

De que maneira as ponderações de Eagleton sobre o conceito de norma e de desvio de norma aplicam-se à amostra acima de *Eles não usam black-tie* de Guarnieri? Explique também como essas reflexões contribuem para a discussão do conceito de literatura em Eagleton.

Questão 3

Leia os textos abaixo e depois responda:

Texto 1:

“Parece que a ficcionalidade se revela por meio da insistência em detalhes inverificáveis e intrusões introspectivas, pois nenhum relato histórico pode suportar tais “efeitos de realidade. Roland Barthes, contudo citou um trecho da História da França, de Michelet (volume 5, *A revolução*), em que o autor utiliza esse artifício ficcional ao descrever a prisão de Charlotte Corday: ‘Ao cabo de uma hora e meia bateram de leve numa pequena porta que está atrás dela’.”

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p.128.

Texto 2:

“Bohr era um colosso do mundo da física. O único outro cientista que teve seu nível de influência na primeira metade do século XX foi Albert Einstein, de quem era tão amigo quanto rival. Em 1922, Bohr já havia recebido o prêmio Nobel e tinha um dom para descobrir



EXAME DE SELEÇÃO – TURMAS 2024/2 - MESTRADO E DOUTORADO

PROVA ESCRITA

talentos excepcionais e colocá-los sob sua influência. Foi exatamente o que fez com Heisenberg durante seus passeios pela montanha, convenceu o jovem físico de que ao falar dos átomos a linguagem só podia ser utilizada como poesia. Caminhando com Bohr, Heisenberg tece sua primeira intuição da radical alteridade do mundo subatômico: ‘Se apenas um cisco de pó contém bilhões de átomos’, disse a ele Bohr enquanto escalavam os maciços da cordilheira Harz, ‘como se podia falar com sentido de algo tão pequeno?’. O físico – como o poeta – não devia descobrir os fatos do mundo, mas apenas criar metáforas e conexões mentais. Desse verão em diante, Heisenberg entendeu que aplicar conceitos da física clássica – como posição, velocidade e momento – a uma partícula subatômica era um desperdício total. Esse aspecto da natureza requeria um novo idioma.”

LABATUT, Benjamin. *Quando deixamos de entender o mundo*.
Trad. Paloma Vidal. São Paulo: Todavia, 2022. p.88.

Os textos acima revelam aspectos da teoria da ficção em livros de histórias, que não se querem literários, e em livros literários de estilo historiográfico. Com base nos dois textos, aponte em que medida é possível pensar em categorias de ficcionalização na obra de Michelet e históricas na obra do escritor Benjamin Labatut. Cite exemplos do texto que possam colaborar suas afirmações.

Questão 4

Segundo Regina Dalcastagnè e Lucía Tennina, em *Literatura e Periferia*, é possível pensar a literatura como um posicionamento político que visa a romper com paradigmas consolidados na academia sobre o que entendemos por literatura, por crítica literária e por periferia. As autoras tomam política no sentido de uma “de intervenção em uma instância de enunciação coletiva” (2019, p.10). Com base nesta perspectiva, demonstre em que medida a crônica “A fina flor da malandragem”, de Sérgio Vaz, pode ser entendida como uma instância de enunciação coletiva. Cite em sua resposta trechos do texto que corroborem sua análise.

“A fina flor da malandragem

(fevereiro/2011)

Duzão é piloto, o que dá fuga a essa malandragem. Na madrugada, a bordo de um Mercedes, dirige certo por vias tortas.

Aninha já passou o ferro em várias madames, dizem por aí que pra mais de vinte.

Cabeção tem olhar de rapina e um iceberg no coração, quando entra no banco já vai direto ao caixa.

Colorau não age na quebrada, gosta de fazer mansão.



EXAME DE SELEÇÃO – TURMAS 2024/2 - MESTRADO E DOUTORADO

PROVA ESCRITA

Lu ganha a vida distribuindo suas ideias através de um pó branco comprimido, a molecada fica alucinada. Nada contra quem mexe, mas ela nunca meteu a mão no pó dos outros. [...]

Elizabeth quase não ri, é uma espécie de gerente da boca, na rua dizem que ela é a patroa.

Nego Jan vende tudo que pega: relógio, TV, DVD, eletrodomésticos em geral, carro, moto, corrente de ouro, roupa de marca e demais mercadorias. Sua lábia é mais afiada que lâmina de gigolô.

Zoio tem problemas com a injustiça e está no semiaberto, passa o dia na oficina e à noite dorme no terceiro andar. Quando podem, Guida e Preto Will, parceiros de caminhada, o visitam no domingo.

Luciana não tem medo de sangue, já ajudou a cortar vários desconhecidos, muitos cagam de medo de morrer na mão dela.

Wilsinho não tem medo de nada, já passou o revólver até no carro da polícia.

As pessoas acima são suspeitas de ter a coragem de trabalhar e enfrentar o dia a dia com a dignidade que só o sofrimento ensina, e, por mais simples que sejam, nunca se evadiram da responsabilidade de lutar.

A malandragem fica por conta de quem lê.”

VAZ, Sérgio. *Literatura, Pão e Poesia*. História de um povo lindo e inteligente. São Paulo: Global Editora, 2011. p. 14.